

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO BÁSICO (EREREBÁ)**

Fernanda Noronha de Paiva Ferreira

KINDEZI: possibilidades e reflexões sobre a arte de cuidar nos espaços de educação infantil

Rio de Janeiro
2025



Fernanda Noronha de Paiva Ferreira

KINDEZI: possibilidades e reflexões sobre a arte de cuidar nos espaços de educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado a Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico

Orientador (a) Professor (a) Dra. Ph.D. Aline Cristina Oliveira do Carmo.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

F383 Ferreira, Fernanda Noronha de Paiva
Kindezi : possibilidades e reflexões sobre a arte de cuidar nos espaços de educação infantil / Fernanda Noronha de Paiva Ferreira. - Rio de Janeiro, 2025.

27 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Aline Cristina Oliveira do Carmo.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Educação infantil - Estudo e ensino. 3. Cuidados. 4. Comunidade e escola. 5. Filosofia africana. 6. Espiritualidade. I. Carmo, Aline Cristina Oliveira do. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.




Fernanda Noronha de Paiva Ferreira

KINDEZI: possibilidades e reflexões sobre a arte de cuidar nos espaços de educação infantil

Trabalho de Conclusão em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (EREREBÁ), vinculado à Pró-Reitoria de Pós Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação as Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico

Aprovado em: 25/04/2025.

Banca Examinadora:

Nomes dos membros da banca	Assinatura
Presidente da Banca: Dra. Aline Carmo (orientadora) - CPII	Documento assinado digitalmente  ALINE CRISTINA OLIVEIRA DO CARMO Data: 06/05/2025 09:46:44-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Ma. Thamara da Silva Figueiredo - CPII	Documento assinado digitalmente  THAMARA DA SILVA FIGUEIREDO Data: 29/04/2025 20:31:31-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dr. Wanderson Flor do Nascimento - UnB	Documento assinado digitalmente  WANDERSON FLOR DO NASCIMENTO Data: 05/05/2025 13:26:34-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

Rio de Janeiro
2025

KINDEZI: possibilidades e reflexões sobre a arte de cuidar nos espaços de educação infantil

Fernanda Noronha de Paiva Ferreira

Resumo: Este artigo buscará analisar o *kindezi* um conceito de cuidado apresentada pelo filósofo K. Kia Bunseki Fu Ki.Au e a psicóloga A.M. Lukondo-Wamba, que servirá de suporte para pensarmos os espaços de educação infantil traçando possibilidades e reflexões. A pesquisa traçará os sentidos de cuidado sobre o olhar ocidental e africano, nos trazendo a figura das amas de leite, mulheres que foram as primeiras educadoras de crianças e que eram obrigadas a deixar o cuidado dos seus filhos. O artigo versará também sobre o conceito de comunidade e espiritualidade, que será aprofundado a partir da filósofa Sobonfu Somé, para entendermos o *kindezi*. Aproximaremos também essa ética do cuidado para os bakongos com os valores afro-brasileiros trazidos pela professora Azoilda Loretto da Trindade. Por fim analisaremos os tipos de *Ndezi* (cuidadores) a partir de lentes educacionais, traçando possibilidades sobre o kindezi no campo educacional e observando como esse conceito pode ascender o sol de toda a comunidade que volta-se sobre os cuidados aos mais novos além das crianças.

Palavras chaves: educação infantil, cuidado, comunidade, filosofias africanas.

KINDEZI: possibilities and reflections on the art of caring in early childhood education spaces

Abstract: This article will seek to analyze kindezi, a concept of care presented by philosopher K. Kia Bunseki Fu Ki.Au and psychologist A.M. Lukondo-Wamba, which will serve as a support for us to think about early childhood education spaces, outlining possibilities and reflections. The research will outline the meanings of care from the Western and African perspectives, bringing us the figure of wet nurses, women who were the first educators of children and who were forced to leave the care of their children. The article will also discuss the concept of community and spirituality, which will be explored in depth based on the philosopher Sobonfu Somé, in order to understand kindezi. We will also bring this ethics of care for the Bakongos closer to the Afro-Brazilian values brought by professor Azoilda Loretto da Trindade. Finally, we will analyze the types of Ndezi (caregivers) from an educational perspective, outlining possibilities for kindezi in the educational field and observing how this concept can raise the rise the sun of the entire community that focuses on caring for the youngest in addition to children.

Keywords / Palabras clave: early childhood education, care, community, african philosophic

INTRODUÇÃO

O cuidado é um princípio fundamental na Educação Infantil, seja no cotidiano das crianças ou como comprometimento ético e educacional que as professoras têm com as crianças. Dessa forma, o zelo é um fazer inseparável da educação, uma vez que esse ato está profundamente interligado com o desenvolvimento integral das crianças.

Seja no espaço educacional ou familiar, o cuidar é uma garantia resguardada por lei para as crianças. Contudo, esse direito é historicamente carregado de preconceitos e socialmente tido como uma ação de menor valia. Essa materialidade é vista no espaço escolar, onde a sociedade está comprometida exclusivamente por ações grafas, que exaltam a racionalidade e estão comprometidas exclusivamente com a promoção escolar, direcionando nossas crianças unicamente ao mundo mercadológico. É nesse fazer que socialmente as pessoas que cuidam são dadas como profissionais de menor relevância.

O cuidado também nos atenta a uma questão de gênero, já que em nossa sociedade esse fazer é entendido como uma ação direcionada exclusivamente às mulheres, seja dentro ou fora dos espaços educacionais. O que causa um estranhamento ou distanciamento, quando realizado por homens.

Assim como a questão de gênero, a relação racial é algo que está latente no campo educacional, e a educação infantil não está fora desse território de disputa. Seja perpassando pela ausência de literatura afro-brasileira nos espaços infantis, na ausência de bonecas negras, na permanência de falas racistas, na relação do não cuidado ou afeto físico com crianças negras, demarcando então expressões do racismo que colocam em prática uma ausência de zelo com nossas crianças sobretudo negras.

Podemos observar que mesmo tendo poucas ou pontuais práticas no cotidiano educacional, o campo teórico nos demonstra significativos estudos sobre a importância da representatividade negra e indígena no campo educacional. Um dos caminhos que denunciam o impacto do racismo no campo educacional, com crianças pequenas é o livro da autora Eliane Cavalleiro (2010) que tem como título: “Do silêncio do lar ao silêncio escolar” materializando os silenciamentos sofridos por crianças negras nos espaços de educação infantil, nos evidenciando as violências e ausências de cuidados sofridas por crianças negras nesse ambiente.

Essa e outras literaturas nos mostram que ao longo dos 22 anos da lei 10.639/03 a educação infantil é um segmento que vem apresentando importantes inquietações sobre as questões raciais, entretanto mesmo observando avanços sobre as pesquisas raciais no campo das infâncias, é evidente que alguns campos ainda são pouco abordados. É a partir dessa compreensão que esse artigo busca mencionar um campo de disputa que colaborou por muito tempo com ideologias racistas sobre a população negra e seus saberes, a filosofia.

Desde o período colonial crianças negras foram negadas ao direito sobre o cuidado e compreendemos que um marcador importante sobre esse impedimento é a precariedade financeira e as demarcações raciais. Mesmo após o período colonial as questões financeiras são um problema para famílias negras, impactando significativamente a relação do cuidado familiar e educacional que temos sobretudo com crianças negras. Portanto, buscaremos refletir através da filosofia bakongo, a arte de cuidar das crianças, ou na forma como os bantos nomeiam, o *kindezi*.

Os bakongos são um grupo étnico que vivem na África-Central, mais especificamente, nos países de Angola, República Democrática do Congo e República do Congo. Entendendo

que esses países possuem grande influência na construção cultural, estética e filosófica do Brasil, demonstra-se grande relevância em sua pesquisa.

Outra questão de grande importância é o fato do autor Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau ser da República Democrática do Congo, o que nos retoma a reflexão que o autor está trazendo em seu estudo sobre *Kindezi* uma pesquisa baseada nos elementos culturais desse território. Dessa forma, todas as vezes que no texto mencionarmos os termos banto ou bakongo, estamos nos referindo especificamente aos bantos que vivem na República Democrática do Congo e utilizam o kindezi como uma expressão filosófica.

O *Kindezi* é uma ação, presente nos espaços brasileiros, podemos observar essa prática em espaços periféricos, quilombolas e de terreiros, como observaremos mais adiante. Essa relação de cuidado em que podemos perceber diversos elementos epistemológicos e que nos faz refletir sobre as formas de zelo com as crianças.

O cuidado é um elemento cultural e filosófico, que está presente nos espaços escolares e principalmente nos espaços de educação infantil, como já mencionado anteriormente. Compreendendo que a nossa sociedade é universalista, ou seja, válida apenas uma forma de pensar e estar no mundo, algumas formas de cuidado são colocadas como exóticas e ou marginalizadas, fazendo com que nem todas as formas de zelo sejam aceitas nos espaços educacionais.

É compreendido em nossa sociedade que muitas famílias traçaram estratégias para que suas crianças tenham o cuidado resguardado, seja através do espaço escolar, ou do zelo compartilhado com vizinhos ou familiares. É a partir dessas diferentes formas de cuidar que os adultos perpetuam valores de cuidados ancestrais nas comunidades, transformando de acordo com a sua necessidade ou relação com o mundo atual.

É nesse sentido que correlacionaremos o *kindezi*, esse conhecimento filosófico, trazido pelo professor e pesquisador da filosofia banto, Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau e a co-autora e psicóloga Lukondo-Wamba¹. Correlacionaremos também o *kindezi* aos valores trazidos pela grande professora e pesquisadora Azoilda Loretto Trindade (2010) que nos chama a atenção, aos valores afro-brasileiros, que marcam as memórias desse povo que sofreu em diáspora e possuem seus valores e saberes perpetuados em nosso dia a dia.

A razão desse artigo se faz pela necessidade de refletir como filosofias não ocidentais podem colaborar a compreender a relação entre a comunidade e a educação, buscando considerar filosoficamente o cuidar nos espaços infantis, além de propor romper com o racismo e a invisibilidade que saberes africanos e afrodiáspóricos sofrem na sociedade brasileira. Pensar em outras formas de conceber o mundo, nos ajuda a compreendermos as crianças que atendemos e dessa forma ter um olhar mais aproximado às reais necessidades de nossas crianças e comunidade, atuando dessa forma efetivamente na Lei 10.639/03.

O artigo buscará suporte teórico em diferentes autores que não versam exclusivamente sobre a filosofia banto. Importante mencionar essa diversidade filosófica, pois a África é um grande continente que mesmo possuindo sua diversidade cultural, estética, política e filosófica possui elementos culturais que se interligam e podem nos ajudar a pensar caminhos para uma educação menos eurocêntrica.

O cuidado, é mais um elemento cultural forjado pela sociedade que vivemos, assim como a forma que nos vestimos, que acreditamos ser belo ou justo. Sabemos que o nosso país é diverso etnicamente e culturalmente, entretanto, nem todas as formas, culturais, filosóficas,

¹ Importante demarcar a ausência de dados sobre a coautora Lukondo Wamba.

estéticas e políticas são garantidas na formação do professor, isso impacta a forma como concebemos educação e compreendemos o mundo de forma crítica.

O conceito apresentado por Fu Ki.Au e Lukondo-Wamba nos ajuda a pensar o que é o cuidado para a população banto, além de nos ajudar na reflexão sobre como esse conceito filosófico pode nos colaborar a refletir sobre a educação.

Compreendendo que abordaremos sobre a educação e buscaremos refletir como a filosofia apresentada por Fu-Kiau e Lukondo-Wamba pode colaborar com uma educação brasileira, mais plural e equânime, traremos ao longo do artigo algumas aproximações do *kindezi* com os documentos que orientam a Educação Infantil no Brasil. Por este motivo utilizaremos ao longo do texto os termos, bebês, crianças bem pequenas e pequenas, pois estamos nos referindo nesse momento a uma faixa etária específica, que os próprios autores mencionam. Esse termo é utilizado na contemporaneidade por cuidadores permanentes², sendo advindo da Base Nacional Comum Curricular, que mesmo reconhecendo sua problemática em torno das infâncias nos será importante pois utilizaremos meramente como um termo cronológico que acolhe bebês de 0 anos à 5 anos e 11 meses.

Mesmo compreendendo que as concepções filosóficas ocidentais são importantes, compreendermos que outras filosofias são importantes para pensarmos a nossa educação, além de fazermos compreender que as filosofias africanas e afro-brasileiras não estão contidas em um caráter utópico e podem colaborar muito para pensarmos a educação, não precisando nos voltar única e exclusivamente para a Europa.

Sendo assim, o artigo busca pensar o cuidado de todas as crianças periféricas que habitam a educação infantil pública. E diferente de muitos teóricos brancocêntricos, que historicamente buscaram retirar o direito de humanidade de pessoas não brancas, este artigo não é direcionado exclusivamente a pessoas negras, por mais que o trabalho busque denunciar o não cuidado com crianças negras. Temos então como propósito refletir como podemos potencializá-las. Sendo assim, este é um trabalho que busca pensar o cuidado de toda e qualquer criança.

1 OS SENTIDOS DE CUIDADO E COMUNIDADE NAS FILOSOFIAS OCIDENTAL E AFRICANA

O cuidado é um dos pilares da Educação Infantil, sendo essencial compreendermos rapidamente o seu desenvolvimento na sociedade brasileira, pela base histórica e filosófica. Segundo Figueiredo (2020) na atualidade a educação brasileira tem forte influência estadunidense, contudo no séc. XX a relevância europeia prevaleceu na estrutura educacional institucional, acrescento que no âmbito familiar essa influência foi muito forte, e mesmo considerando que na atualidade a influência norte-americana é repetida sobre a forma de cuidar e educar no Brasil a cultura europeia ainda marca predominantemente o zelo sobre os bebês, crianças bem pequenas e pequenas.

Para compreendermos os marcadores filosóficos bantos precisamos descrever abaixo algumas diferenças filosóficas entre os povos ocidentais e os bakongos, não com o objetivo em traçar comparações, sobre o certo e o errado, mas buscando demonstrar que para compreendermos a filosofia africana não podemos relacionar com a ocidental. As dessemelhanças nas formas de perceber o mundo são exatamente o que diferencia essas duas correntes filosóficas. Além de nos ajudar a compreender que muito da filosofia africana está viva em nosso cotidiano.

² O termo cuidadores permanente será explicado mais adiante.

A autora Priore (2010) descreve algumas relações sobre o cuidado infantil no Brasil oitocentista, onde o cuidado com a saúde era muito valorizado por conta da alta mortalidade infantil. Os zelos das crianças também eram vinculados a doutrinar os pequenos sobre o cotidiano, a religiosidade, a vida familiar e a moral. O cuidado nessa concepção ocidental é vinculado por um pensamento individual do sentido privado, pois ao mesmo tempo que o bem-estar de algumas crianças eram garantidas, o de outras eram renegadas.

A partir do conceito ocidental a infância não possui em seu percurso histórico um caráter de cuidado resguardados pelos adultos, sendo um direito presente apenas na modernidade nessa sociedade. Importante mencionar que crianças negras assim como adultos não eram vistas como seres humanos, dessa forma o cuidado não era pensado para elas.

As pequenas crianças negras eram consideradas graciosas e serviam de distração para as mulheres brancas que viviam reclusas, em uma vida monótona. Eram como que brinquedos, elas as agradavam, riavam de suas cambalhotas e brincadeiras, lhes davam doces e biscoitos, deixavam que, enquanto pequenos participassem da vida de seus filhos. (Priore, 2010. posição, 2220).

Como podemos observar as crianças negras eram vistas como objetos e quando mais crescidas segundo a autora, eram preparadas para serem escravizadas, sendo também impedidas de terem relação com os filhos dos escravocratas, importante mencionar que mesmo a autora trazendo informações sobre a história das crianças negras no Brasil, o seu livro conta com poucas referências, essas crianças negras o que demonstra historicamente uma ausência de um registro sobre o cotidiano de crianças negras e a comprovação que elas não faziam parte da sociedade.

O autor Ariés (1986) descreve que o cuidado era feito por amas de leite, que tinham como objetivo servir as crianças e resguardar sua segurança. No Brasil esse cuidado não era uma realidade de todas as crianças, já que as cuidadoras eram voltadas majoritariamente para famílias com posses financeiras. As amas de leite trabalhavam ou eram escravizadas nas casas de famílias ricas e nos espaços resguardados as crianças abandonadas. Elas realizavam seu fazer nas rodas dos expostos ou dos enjeitados, como era conhecido o modelo de doação de crianças, criado na França.

A maneira de depositar a criança ocorria de forma sigilosa, o sujeito deixava o recém-nascido, tocava a campainha, imediatamente o cilindro rodava, ficando a lateral aberta para receber a criança e em seguida a levava para seu interior. O Asilo ou Casa dos Expostos competia à função de encontrar novas famílias aos enjeitados, objetivo que quase sempre não se alcançava. Com o passar do tempo, as rodas foram disponibilizadas para camadas de famílias populares. A mortalidade infantil nas Rodas dos Expostos era alta, pois as crianças eram desprovidas de vestes, de berços e cuidadas pela ama-de-leite, responsável por até sete bebês de cada vez. (Miguel, 2016, p.5).

É nessa organização social que os cuidados de nossas crianças continuam sendo perpetuados, crianças pobres e negras, tendo uma menor garantia sobre o zelo, enquanto crianças de classe média e alta têm seus cuidados resguardados. O documentário *babás* produzido e roteirizado pelas mulheres brancas, Flavia Castro e Consuelo Lins reproduzem exatamente essa hegemonia sobre o cuidado.

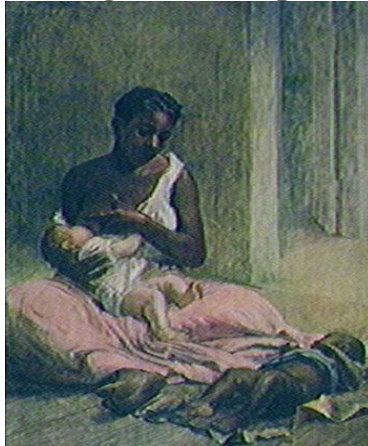
Compreendendo que os espaços de educação infantil são os locais que zelam sobre o cuidado físico, emocional e cognitivo das crianças e que nosso país é plural, contendo elementos culturais e filosóficos indígenas, africanos e europeus é importante a compreensão filosófica de todos os povos que marcam nossa forma de ser, pensar e agir, buscando criar uma educação plural e não um modelo baseado em recriar um sujeito brasileiro, mais próximo do ser ocidental.

Ainda refletindo sobre as amas de leite, as concepções ocidentais e bantas diferem-se, por mais que as duas culturas tenham esta figura da ama, se assim podemos dizer. Enquanto os europeus procuravam as amas para cuidar de seus filhos e amamentar, entendendo que na grande maioria das vezes não eram as mães que faziam.

Os bantos têm as *N'sânsi* (amas) que possuem uma dimensão diferente dos ocidentais, a primeira diferença é que elas não são cuidadoras exclusivas dos bebês, pois tem sua função voltada para o cuidado das mães e dos bebês. A segunda diferença é que as *N'sânsi*, não são mães e nem tem como função o aleitamento dos bebês, já que esse fazer é direcionado a mãe, o aleitamento tardio é um elemento primordial para a comunidade banta, as *N'sânsi* são donzelas que ao cuidarem das mães e dos bebês estão aprendendo para a vida adulta.

Isso nos leva a pensar, que por razões de obrigatoriedade ou dificuldades econômicas, o modelo ocidental que as amas vivenciavam, sobretudo no Brasil, nega de forma compulsória o cuidado aos seus filhos, direcionando esse zelo aos filhos de seus senhores.

Figura 1- Mãe preta



Fonte: Licílio de Albuquerque, 1912.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/83796-mae-preta>

A pintura de Albuquerque (1912) retrata a realidade das amas no Brasil, é nessa configuração de sociedade que muitas crianças negras tinham desde seu nascimento o direito ao cuidado negado. Isso nos faz refletir que para além do direito, pensar sobre o cuidado da população negra e indígena é uma reparação histórica, com as crianças, e também com suas famílias.

Sabemos que a experiência diaspórica de povos africanos foi atravessada pela colonização, mas também é possível perceber que alguns elementos permanecem vivos, no cotidiano da população brasileira, como alimentação, forma de falar, na estética capilar, e no cuidado infantil. O que nos mostra que a essência africana resiste às violências do racismo físicos e epistêmicos.

Na cultura ocidental a concepção de criança enquanto sujeito e que necessita de cuidados foi sendo construída ao longo dos séculos, assim como nos demonstram alguns documentos que abordam sobre essa temática na Educação Infantil.

Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento têm constituído, portanto, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil. (BRASIL, 1998, p. 18).

Já nas sociedades africanas, em especial para os bakongos, onde nos debruçaremos, a relação com o mundo infantil é respeitada e venerada há muitos séculos, já que falamos de uma concepção filosófica milenar que inclusive compreende o nascimento de uma criança como a abertura de um portal entre o mundo físico e espiritual que alimentará toda a comunidade com sua força.

A dimensão comunitária de cuidado para os bantos possui alguns elementos essenciais. O primeiro é que para os bakongos “ a pessoa [é] constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente pela palavra. ” (Cunha, 2010, p. 81).

Nesse sentido é importante compreendermos que para os bantos o sentido de pessoa não está voltado unicamente para o cuidado físico. Como o conceito apresentado anteriormente, pelo conceito ocidental, os povos bakongos acreditam que o cuidado com o *muntu* (pessoa) é uma ação comunitária, dessa forma é de grande importância a vida em comunidade.

A espiritualidade também é de grande importância para o crescimento desse ser, assim como seu crescimento para a vida. O cuidado parte de uma dimensão comunitária, ou seja, não é direcionada apenas a uma composição familiar que chamamos de nuclear, assim como nos demonstra Marque e Nogueira (2013) apud Oliveira (2018), “Por exemplo, na frase: “esse costume de cuidar das crianças numa família extensa que envolve avós e tias é banto”. Essa frase nos demonstra como os valores culturais bantos estão presentes nos cotidianos familiares.

Outra característica importante para compreendermos a filosofia africana são os provérbios, assim como menciona o filósofo Joseph Omoregbe, descrito por Nogueira (2018), onde o autor afirma que uma das formas de fazer leituras filosóficas africanas são pelos provérbios, o professor e filósofo, Dr. Fu-Kiau (2024) também descreve essa importância:

Os provérbios são uma das melhores maneiras para que nossos conceitos sejam bem codificados e cuidadosamente guardados. O estudo proverbial é um campo muito rico e vasto que todos/as os/ as amantes do pensamento e sabedoria africanos, linguistas, filósofos/as e todos/as os/as amantes do conhecimento deveriam investigar. (Fu-Kiau, 2024, p. 125).

Dessa forma recorreremos a este artifício, colaborando sobre as nossas reflexões sobre o cuidado. Os filósofos Fu-Kiau e Lukondo-Wamba trazem os seguintes provérbios para compreendermos a importância desse cuidado sobre a infância para a comunidade: “**Mwâna mu ntûnda, zitu kia müntu mosi; kumbazi, wa babônsono**”, que significa “Uma criança no útero de sua mãe é responsabilidade de uma pessoa; uma vez que tenha nascido, ela pertence a todos (na comunidade)”. A partir desse provérbio podemos traçar as diferenças de ver a infância para povos ocidentais e africanos, enquanto anteriormente observamos as diversas formas de abandono que crianças tinham na roda dos expostos, o provérbio nos mostra a relação que as comunidades bakongos têm com as crianças após o seu nascimento.

O filósofo Fu-Kiau descreve essa importante relação entre a infância e o cuidado comunitário que os povos bantos possuem, demonstrando que o cuidado com a criança não é algo restrito à biologia.

A criança não pertence aos pais, trata-se de uma relação coletiva e social, diz um provérbio {**Wabuta mbâwu ândi kayetila**}. Ao reconhecer lônço como legal, a sociedade aceita automaticamente a responsabilidade de educar todos os filhos e filhas desse/a lônço, segundo o ditado africano “É preciso de toda a comunidade /aldeia para educar uma criança.” (Fu-Kiau, 2024, p. 60).

O provérbio nos mostra, particularidades que se assemelham com a forma de viver de muitos espaços brasileiros, majoritariamente negros, sendo muito natural crianças serem observadas e cuidadas por parentes consanguíneos e vizinhos na ausência ou não de seus responsáveis, mostrando um respeito pelos mais velhos que guardam a segurança daquela criança. É comum ainda escutarmos histórias de adultos ou crianças que relatam o seu respeito por pessoas mais velhas e essas pessoas, ao observarem qualquer arte, relatam que contarão aos seus pais, irmãos mais velhos e avós, nos mostrando esse cuidado compartilhado.

Para compreendermos o zelo banto com as crianças, é preciso entender alguns conceitos que estão interligados ao cuidado, como comunidade e espiritualidade. A vida comunitária é essencial e como observamos anteriormente se estende a outras pessoas da família ou da

comunidade. Para os povos africanos é importante buscarmos compreender o sentido de comunidade, entendendo que esse conceito é diferente para povos ocidentais.

Enquanto para povos ocidentais o sentido de se viver em comunidade é apenas a relação de compartilhar um espaço, desejo e ou governo, para povos africanos o sentido de se viver em comunidade tem uma maior complexidade, como nos demonstra Sobonfu Somé.

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros. (Somé, 2003, p.35).

Sobonfu Somé nasceu em Dano, cidade localizada em Burkina Faso situada na África Ocidental, a filósofa nos ajuda a compreender o conceito sobre comunidade segundo o povo dagara e nos ajudará a reafirmar que a cultura e filosofia africana é plural no continente, entretanto elas possuem elementos que se unem e se interligam.

Segundo a autora, fazer parte de uma comunidade é a ação de se compartilhar energias, ou seja, para povos africanos, a comunidade e o indivíduo são um só, um precisa do outro para sobreviver para se alimentar e estar vivo.

Para os bantos o sentido de comunidade é similar ao que a autora traz, Altuna (1985) evidencia que a vida-comunidade já está com os bakongos desde seu nascimento, não sendo uma decisão ou uma ação construída ou acordada ao longo da vida de um banto, sendo uma herança recebida no momento do nascimento, entendendo que fora dessa dimensão comunitária é impossível a vida.

Compreendendo esse sentido de comunidade podemos rememorar um outro campo filosófico que é conhecido nos espaços escolares e que nos últimos anos se tornou popular nas mídias, a filosofia Ubuntu, Renato Nogueira (2018), muitas vezes entendida pela expressão “sou porque somos” e que faz parte em especial nas tradições banto, xhosa e zulu. A filosofia Ubuntu é pautada na essência comunitária, onde se potencializar a energia, o axé, do outro é fator principal para o ser.

A espiritualidade é um outro eixo que estrutura o cuidado no pensamento bakongo, importante mencionar que o sentido de espiritualidade é diferente do que no ocidente se entende enquanto religiosidade, mas que em determinados momentos a espiritualidade e o sagrado se unem. Assim como demonstra o professor e filósofo Renato Nogueira que nos aprofunda sobre o poder da infância e sua dimensão espiritual e política em se relacionar com dois mundos.

[...]a espiritualidade é diferente da religiosidade. A primeira nasceu com a própria humanidade, enquanto a segunda emerge em contextos histórico sociais e culturais específicos. A espiritualidade remete ao mistério da existência em suas dimensões inexplicáveis: por que existimos? De onde viemos e para onde vamos? Qual o sentido da vida? A religiosidade encampa as mesmas questões e ergue instituições com ritos, doutrinas e liturgias próprias. (Nogueira, 2019, p. 135).

E tal fato acontece porque em muitas culturas africanas a palavra não é estática a um único objetivo, não existindo um único sentido para a palavra, sendo ela interligada aos diferentes conhecimentos.

Ao longo do artigo traçaremos correlações entre a filosofia do povo Dagará da filósofa Sobonfu Somé e os bakongos dos autores Fu-Kiau e Lukondo-Wamba, sendo importante distinguir a diferença entre esses dois grupos étnicos. Sobonfu Somé nos mostra que para o povo Dagará a comunidade é responsável pelas crianças assim como para os pais, já para os bakongos a comunidade também tem um papel fundamental; entretanto o *kindezi* é um fazer específico dos bakongos, o que nos demonstra que mesmo tendo muitas semelhanças a

concepção filosófica dos bakongos e dagaras não são universais quando correlacionamos esses dois povos.

É nesse sentido que pensaremos o conceito de espírito segundo a filósofa dagará, mas refletindo sobre o *kindezi* segundo o povo bakongo, retornando sobre o conceito abordado anteriormente.

O espírito do ser humano é igual. Em nossa tradição, cada um de nós é visto como espírito que tomou forma humana, para desempenhar um propósito. Espírito é a energia que nos ajuda a unir, que nos ajuda a ver além de nossos parâmetros racialmente limitados. (Somé, 2003, p.26).

O conceito de espiritualidade que recorremos da filósofa Sobonfu Somé evidencia essa energia vital como um elemento primordial que compõe o espírito.

Para os bantos a energia vital é a própria vida - o que nos leva a compreender essa força que transforma o sujeito, como a presença entre os mundos visível e invisível, que vai transformando o muntu (pessoa) para o crescimento de sua comunidade. O professor e filósofo, Wanderson Flor do Nascimento que se debruçará sobre os pensamentos de Sobonfu Somé versa sobre a concepção de espírito segundo a autora.

O espírito está vinculado àquilo que é uma parte importante do continente africano entendida de diferentes formas como, intu, axé, ubu, que é uma força fundamental que existe e interliga todos os existentes, ou seja, tudo que possui uma interligação. (Nascimento, 2023,sp.).

A espiritualidade serve nesse sentido como mais um pilar que orienta o cuidado para os povos bakongos, já que o zelo pelas crianças tem como objetivo o crescimento para a vida, sendo não só os pais, responsáveis por este fazer.

O pensamento banto busca compreender e experimentar essa movimentação da vida. Por isso, os ritos funerários não enterram defuntos, mas geram ancestrais. O nascimento de um ancestral é um aumento qualitativo de Força Vital no mundo. Os rituais manipulam a Força Vital numa relação de troca contínua. (Oliveira, 2021 p. 131.).

É possível observar a importância de cuidar da espiritualidade para o povo Kongo, já que segundo o cosmograma banto é a ciclicidade entre o mundo físico e o espiritual que potencializará esse ser comunitário.

Por fim, para os bakongos a chegada de uma criança é como um novo e único sol, que precisa ser cuidado, buscando seu desenvolvimento integral. Dessa forma, o cuidado não é simplesmente direcionado ao cuidado físico, tendo o zelo, cognitivo, emocional e afetivo garantido por toda a comunidade. Sendo que esse cuidado garantirá a energia vital e que será benéfica para toda a comunidade, já que a potencialidade da pessoa é de toda a sociedade.

2 KINDEZI: O CUIDAR DE CRIANÇAS NA FILOSOFIA BAKONGO

Walèmbwa leia kalèndi bakula ntoko za môyo ngâtu za buta mu zola ko.

“Quem jamais cuidar de um bebê nunca entenderá a beleza da vida nem a de educar com amor.”

(Fu-Kiau e Wamba)

Defina-se o conceito de “arte” como uma forma de expressão de ideias, crenças e emoções que se manifesta através de uma expressão criadora (ARTE,2025). De acordo com os filósofos que escreveram sobre a arte banto de cuidar de uma criança: “A palavra *kindezi* é um termo “*kinkôngo*” derivado do verbo raiz, que significa desfrutar de tomar e dar cuidados especiais.” (Fu-Kiau e Wamba, 2017, p. 4). Ou seja, é através de cuidar de uma criança que o cuidador (a) gozará das experiências de se ter e dar cuidado ao outro. Logo o kindezi é a representação do provérbio descrito na epígrafe. O cuidado para os bakongos é uma grande honra, sendo sagrado, já que:

[...]a civilização africana é centrada na criança. Isso torna-se claro ao passo que compreendemos a vida humana no contexto espiritual da comunidade: um processo infinito de nascimento, desenvolvimento, transformação e responsabilidade. O bem-

estar da comunidade depende da saúde e integração da totalidade, do amadurecimento das pessoas que lhe constituem como membros. (Fu-Kiau; Wamba, 2017, p. 2).

Como podemos observar, o cuidado é um elemento primordial para os bakongos, que entendem que o cuidado é o equilíbrio da/para a comunidade. Essa essa concepção não está baseada na ideia de que a criança virá a ser um adulto produtivo, mas sim na ideia que a criança já é parte da comunidade pois ela é um ancestral e sua força é a manutenção da pessoa e de sua comunidade.

Na concepção das sociedades o ser humano é composto do seu corpo físico e da sua inteligência viva. Esta inteligência viva não é vista como separada do corpo físico. Em certas situações, como na morte, o corpo físico pode se separar da inteligência viva. Trata-se de uma inteligência existente sem a vida corporal. A inteligência é uma força espiritual viva, que do ponto de vista filosófico é metafísica, existe de forma eterna, embora sempre de forma dinâmica sofre modificações da sua força existencial. Esta inteligência viva renasce e prolonga sua vida nos descendentes. (Cunha, 2010, p.85).

É essa inteligência viva que vai renascendo a cada descendente e que mobiliza a vida de todos na comunidade, de quem cuida da criança e de quem é cuidado. Essa dinâmica filosófica é demonstrada no cosmograma bakongo, onde é apresentada a concepção cíclica de vida e de potencialidade do *muntu* (pessoa). Pois é através do toque, do zelo e da proteção da vida e do ambiente dessa criança, que ela se desenvolverá integralmente.

É através do conceito *kindezi* que vamos pensar em possibilidades para uma educação infantil plural. Buscaremos a partir do conceito afroperspectiva,³ traçar proximidades reflexivas criando novos conceitos a partir de personagens melanodérmicos, que contribuam com problemáticas e rotinas cotidianas, existentes nos territórios, concebendo assim novos conceitos na educação infantil, como nos anuncia o professor Renato Nogueira (2019, p. 130).

A afroperspectividade é uma abordagem que articula leituras diversas. De modo que nos debruçamos nos estudos e assumindo que os lugares de fala são compostos por: pertencimentos étnico-raciais, gêneros, orientações sexuais e perspectivas políticas[...] (Nogueira 2019, p. 130).

Outro conceito que nos ajudará a pensar a filosofia bakongo será a cosmo percepção⁴, criada pela filósofa e antropóloga Oyèrónké Oyèwùmí, que busca demonstrar como a concepção filosófica de alguns povos africanos são pautadas na percepção de mundo, a partir dos diferentes sentidos, não nos limitando apenas a visão.

O termo “cosmo percepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. [...]“cosmo percepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos. (Oyèwùmí, 2022, p.3).

Compreendendo esses dois conceitos que sulearam nosso pensar, retornamos aos filósofos Fu-Kiau e Wamba, (2017) que afirmam que o *kindezi* não é um conceito fechado ou estatizado, podendo variar de uma sociedade para outra. O que nos traz ao objetivo deste trabalho, pois, como já mencionado anteriormente, o modo de viver africano está vivo no cotidiano brasileiro, mas não de forma fixa. Dessa forma não temos o objetivo de reproduzir integralmente a concepção filosófica bakongo, já que estamos fora do seu contexto original. Procuramos então criar possibilidades e reflexões para que experiências vivenciadas em nosso cotidiano, possam ser repensadas à luz do *kindezi*.

A grande professora Azoilda Loretto Trindade (2010) reafirma que os afro-brasileiros possuem valores que são eternizados no cotidiano de seus descendentes. Podemos observar que esses valores estão interligados com o kindezi. Essa aproximação está tão viva nas experiências dos afro-brasileiros, visto que os bantos são um grupo étnico linguístico que na diáspora brasileira tiveram grande influência em nossa forma de viver.

³ Termo afroperspectivar é um conceito do professor e filósofo Renato Nogueira (2011)

⁴ Termo cosmo percepção é um conceito da nigeriana filósofa Oyèrónké Oyèwùmí (2002)

Azoilda Loretto da Trindade foi uma professora e ativista que lutou contra a invisibilidade de bebês, crianças bem pequenas e pequenas negras marcando a educação brasileira com os valores afro-brasileiros, que tem como objetivo anunciar e mobilizar os valores africanos que estão presentes na base das experiências dos descendentes dos africanos, além de garantir a proteção de nossas crianças, para que elas não sofram qualquer tipo de discriminação. A autora reflete sobre sete valores, sendo eles: **energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, religiosidade, memória, ancestralidade e cooperatividade**. Através desses valores apresentaremos um diálogo entre os escritores Fu-Kiau e Wamba (2017) e Azoilda Loretto da Trindade (2010), buscando compreender como esses dois conceitos se entrelaçam para pensarmos a educação infantil.

A **cooperatividade** é um dos elementos basilares, já que na arte de cuidar das crianças o ato comunitário é o que movimenta o kindezi. A cooperação não é só um ato de ajuda ou de realizar um favor para os bantos. O que nos remete ao direito que todos os bebês, crianças bem pequenas e pequenas possuem ter assistência no ambiente escolar e familiar. Esse benefício foi demarcado na LEI Nº 13.257, de 8 de março de 2016, que é conhecida como Marco Legal da Primeira infância⁵, esse marco é um documento importantíssimo para os direitos infantis, mas só foi materializado no ano de 2016 enquanto o conceito de *kindezi* está a séculos materializados no cotidiano dos bakongos e posterior nos valores afro-brasileiros como podemos observar.

O interesse para os bantos não é só em ajudar a comunidade de forma financeira, mas em colaborar de forma compartilhada com o amadurecimento desse ser. Poder apreender com a história da população negra em diáspora, poderá nos ajudar a pensar outras formas de compartilhar e colaborar com o cuidado de forma comunitária.

É na **ludicidade** que o *Ndezi* (cuidador/a) propõe construções de brinquedos e brincadeiras que fortaleçam a criança, buscando fomentar seu desejo e curiosidade pelos saberes da sociedade. O que nos remete ao fazer docente, já que a ludicidade é uma das bases da educação infantil como reafirma a DCNEI- Diretrizes Curriculares de Educação Infantil (2010).

A ludicidade também nos faz refletir que o cuidador (a) não está ali apenas para olhar a criança, o seu fazer está relacionado a proporcionar um ambiente em que a brincadeira e alegria precisam estar presentes no cotidiano infantil, já que os bantos acreditam que o choro excessivo ou a tristeza não favorece a saúde infantil.

Através da **musicalidade** os *Ndezi* (cuidador/a) cantam para acalmar e para educar os bebês, crianças bem pequenas e pequenas. É através da música principalmente das canções de ninar que as crianças possuem o primeiro acesso aos momentos históricos e políticos da comunidade, os acalantos ou banhos sonoros que constroem uma relação afetiva e de aprendizado com o outro. É também através da musicalidade que o cuidador (a) vai contar as histórias da comunidade, inserir valores comunitários, de saúde ou políticos. Sendo assim, a música não tem só uma forma de alegrar o espaço, mas sim de passar valores e saberes para os mais novos.

A **corporeidade** é uma dimensão importantíssima para o povo bakongo e o *kindezi*, pois não reflete somente esse cuidado físico, mas o toque, o afeto e o cuidado com a segurança e o ambiente de suas crianças. É esse corpo que passará por diversas transformações ao longo do seu **dingo-dingo** (processo) que terá como propósito *kula*(crescer) para fazer sua história, buscando o amadurecimento, o crescimento coletivo e o bem-estar com o ambiente.

A corporeidade também é refletida no cuidado mental e físico do *Ndezi* (cuidador/a) já que o cuidado e a valorização com o velho *Ndezi* (cuidador/a) é pensado no kindezi.

⁵ O Marco Legal da Primeira Infância foi estabelecido em 2016 e atualiza o ECA, demarcando a importância dos direitos da primeira infância e evidenciando a importância dos cuidados afetivos, cognitivos e emocionais da criança.

Pensar nas especificidades e necessidades do corpo infantil é um conceito importantíssimo, já que o professor busca no seu fazer valorizar esse corpo e potencializar espaços com possibilidades de trocas.

A **oralidade** tem um papel importantíssimo na comunidade banto, como possibilidade de garantir às crianças o direito à oralitura⁶. É através da oralidade que as crianças terão acesso e conhecerão sobre as histórias da comunidade, das plantas, dos animais, dos costumes e os conhecimentos sobre a língua.

Aqui percebemos que a oralidade, base fundamental dessa memória africana, não pode simplesmente ser reduzida à mera relação entre a fala e a escuta. Ela significa, antes de tudo, uma implicação dos sujeitos naquilo que se diz e naquilo que se escuta. Não apenas a palavra está em jogo na oralidade, mas a pessoa, a comunidade, a realidade. Assim, vemos que a memória é parte desse dispositivo da oralidade que provoca que o humano se verta em palavra, isto é, que a palavra seja uma parte do humano, que está sempre em jogo no que diz e no que escuta. (Nascimento, 2020, p. 59).

Compreendendo a importância da oralidade para as comunidades africanas, podemos também evidenciar o seu papel importantíssimo nos espaços de Educação Infantil, uma vez que é através da fala que a criança irá expressar-se, contar suas histórias, demonstrar sua criatividade e posteriormente registrará seus pensamentos. Uma vez que esse é um direito fundamental de toda criança. Pois uma criança que não fala ou se expressa de forma livre, possui dificuldade em se expressar de forma escrita.

O conceito da **circularidade** está presente na essência filosófica de variadas tradições culturais e filosóficas de raiz banto, onde essa população, compreende que a existência de uma força que implica no processo do nascimento, perpassa pelo amadurecimento, compreendendo que o corpo passa por mudanças e precisa da morte para sua grande transformação, passando pelo acúmulo de todas as potencialidades que por fim está pronto para retornar ao nascimento.

A criança é recebida como uma espécie de mensageira da ancestralidade, de modo que a infância é um signo de continuidade dinâmica, que traz em si toda a potência da memória ancestral, que deverá ser atualizada na formação (Clavert, 2009, p. 45). De modo que toda essa potência encarna o caráter dinâmico da tradição. A infância não é, portanto, uma condenação à repetição do mesmo ou a mera conformação de algo já previsto; mas a argamassa tradicional através da qual toda a possibilidade de transformação se instaura. A infância é, assim, a marca de uma elaboração que, partindo do já dado na história, na cultura e nos valores, abre a possibilidade de que outras experiências se instaurem. (Nascimento, 2020, p. 43).

É nessa dinâmica que a circularidade não está presente apenas na dinâmica de compartilhar histórias ou elementos culturais de forma circular, mas está presente na própria dinâmica filosófica do **kindezi**. E nos traz a reflexão que para os bantos a criança não pode vir a ser, ou é um ser que nasce como uma *tabula rasa*, entendendo que é nesse movimento cíclico, onde a criança já nasce com elementos da sua ancestralidade, que ela é parte da comunidade.

A **memória** está contida em todo o processo do cuidado, como na forma de cuidar do outro, resgatando memórias do corpo e da mente, trazendo elementos que nos façam zelar pelas nossas crianças, nas memórias de um grupo, do território, das famílias e das experiências culturais afro-brasileiras. “[...]a memória se encarna nos corpos infantis, não apenas na forma de imagens sensoriais, mas em sons, cheiros, texturas. Os corpos sentem o que lembram. Os sujeitos lembram o que sentem” (Nascimento, 2020, p.59). É esse sentir marcado no corpo e na mente a partir das percepções de mundo que se constrói a memória.

⁶ Conceito de Leda Maria Martins que valoriza a cultura oral como produtora de conhecimento, com o mesmo peso que a palavra escrita tem para a sociedade ocidental.

A **Ancestralidade** tem um papel importantíssimo na cultura bakongo e para o *kindezi*, já que se entende que o ancestral possui uma força que alimenta toda a comunidade e está viva em diferentes pessoas.

A ancestralidade não é apenas uma relação que se estabelece com os ancestrais: é também, e sobretudo, uma lógica de continuidade que confere sentido – desde o presente – ao passado, que dando forma à memória. Desta forma, a ancestralidade aparece, nesses povos, como um dos fundamentos da própria cultura, que seguindo a dinâmica ancestral não será jamais estática. A ancestralidade é sempre uma experiência relacional, que liga, inclui e se move na perspectiva da multiplicidade – haja vista que somos herdeiros de diversos ancestrais. (Nascimento, 2020, p.42).

É nessa forma cíclica que os bebês, crianças bem pequenas e pequenas e os mais velhos se interligam com o sentido de ancestralidade. Pois segundo os bakongos os anciões são espiritualmente mais fortes, pois eles cresceram no seu desenvolvimento pessoal e se moveram para mais perto da ancestralidade, entretanto não podemos esquecer que o nascimento dessa criança é também um retorno ancestral.

Para muitos povos africanos o conceito de **religiosidade** está interligado à uma ideia holística. “A cultura africana de uma maneira geral é indissociável do respeito a este criador, sem que isto necessariamente se configure como uma religião, com dogmas e cultos específicos” (Cunha, 2010, p. 85). Dessa forma a filosofia bakongo que suleia o conceito de *kindezi* dialoga com uma ideia da criação do ser, do universo e de força a partir do criador que para nós que estamos imersos em uma cultura ocidental, está unicamente ligada a uma questão de religiosidade, mas para esse povo está intrínseca a um conceito holístico.

Por fim, trago a **energia vital** que é um dos elementos fundamentais, pois segundo Oliveira (2021) para os bantos não existe noção de “ser” e sim de força, para eles (os bantos) todos os seres são força. Dessa forma é preciso compreender que o desenvolvimento entre o corpo e a mente é primordial para que o desenvolvimento dessa criança aconteça.

Relacionar os valores afro-brasileiros da pesquisadora Azoilda Loretto da Trindade e o *Kindezi* dos autores Fu-Kiau e Wamba colabora na compreensão de materializarmos a arte de cuidar das crianças, através da percepção de valores que foram pensados e inscritos a partir de experiências afro-brasileiras.

Já correlacionado os valores traçados por Azoilda ao kindezi e compreendendo sua importância. Nos debruçaremos nesse momento sobre a importância de compreender os desenvolvimentos infantis para o kindezi, que na cultura ocidental é visto como algo de menor valia. Essa realidade se materializa quando se acredita, ainda na atualidade, que os docentes que estão debruçados sobre as infâncias são profissionais menos preparados para esse fazer. Talvez esse pensamento se retorne para o conceito bakongo sobre cuidado, já que historicamente acredita-se que povos africanos não possuem conhecimentos. A arte de cuidar de criança está pautada em conhecer as especificidades das infâncias, dessa forma o *Ndezi* (cuidador/a) precisa ser um conhecedor do desenvolvimento infantil.

Compreendendo que o *dingo-dingo* (processo) infantil é algo complexo, o cuidado não está unicamente voltado à questão relacional e física, o *sâdulo* (ambiente) é o espaço voltado aos cuidados infantis, sendo assim o que se aprende nesse espaço é:

[...] oral e prático. Crianças e suas babás às vezes deixam seu local *sâdula* e se movem de um lugar para outro, visitando ferreiros locais, tecelões e oleiros. E muitas vezes eles vão coletar flores, ervas, insetos, raízes, *bimènga* (pedaços de cerâmica), ovos,

cogumelos, rochas, etc. Ao redor da aldeia. Aprender os nomes e o uso de “coisas” no ambiente da criança é um dos estágios mais excitantes no processo de aprendizagem *sâdulu*. Eles aprendem a dissecar cuidadosamente pequenos animais e insetos. Através destas experiências a criança adquire um sólido conhecimento prático em assuntos relacionados à anatomia, fauna e flora. Além disso, essas atividades práticas de aprendizagem proporcionam aos filhos a oportunidade de melhorar o desenvolvimento de sua língua nativa e aumentar seu vocabulário (Fu-Kiau e Wamba, 2017, p.12).

Podemos observar na citação acima que essa experiência com o ambiente é dinâmica e prática, considerando as experiências e cotidiano das crianças, o que traz uma vivência significativa, preparando para a vida.

Ao contrário do que demonstram alguns espaços de Educação Infantil, que pensam o ambiente das infâncias como um lugar onde as experiências de maiores relevâncias estão voltadas para a escrita e leitura dentro de um espaço estático. O *sâdulo* (ambiente) é um espaço dinâmico onde não se tem por objetivo possuir quadros ou livros, o que não significa que a leitura e escrita sejam desconsideradas como experiência.

O *kindezi* é um fazer que garante alguns princípios como a ética a política e estética, que são encontrados em alguns documentos que orientam a Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil -DCNEI(2010).

Um dos princípios que podemos observar no kindezi e está presente no DCNEI, é a ética, pela qual iniciaremos. Esse valor busca fortalecer a autonomia, a responsabilidade e solidariedade sobre um bem comum.

O princípio político traz através das canções e histórias fatos públicos da história da comunidade, para que as crianças, pensem criticamente sobre o bem comum da comunidade, buscando a garantias do direito de todos no espaço comunitário.

E o valor estético, entendendo que o *kindezi*, através de sua rica forma de enaltecer o desenvolvimento dos bebês, crianças bem pequenas e pequenas, buscam a ludicidade, criatividade e as múltiplas formas de expressões.

É também através da arte de cuidar de crianças que podemos refletir sobre o papel de gênero sobre o cuidado, já que o *kindezi* não é um fazer exclusivamente voltado para as mulheres, os jovens meninos também são *Ndezi* (cuidadores), como veremos adiante.

A arte de cuidar das crianças também reafirma o papel da liderança feminina na sociedade. A maternidade é uma potencialidade para toda a comunidade. É por esse motivo que o cuidado com a criança é responsabilidade de todos, pois o povo bakongo reafirma o papel da liderança da mulher na sociedade.

Outro fator político que o *kindezi* reafirma é que a criança é parte da sociedade, ou seja, um sujeito de direito que se relaciona, afeta-se e expressa-se na sociedade. Dessa forma o cuidar e o educar é uma ação indissociável do *kindezi* e como mais uma vez reafirma o DCNEI (2010).

O *kindezi* também não retira a responsabilidade dos responsáveis da criança, ou direciona apenas para um grupo. Ou seja, pais, *Ndezi* (cuidador/a), e comunidade são responsáveis pelo desenvolvimento, físico, mental e afetivo da criança, pois ter responsabilidade sobre o cuidado comunitário para os bakongos é:

[...] aprende que criar uma família é a responsabilidade mais sagrada e maravilhosa de todas. Como tal, todas as crianças devem permanecer em sua comunidade e crescer nas mãos de seus membros. Eles nunca serão distribuídos pela comunidade, não importa o que seja – por dinheiro ou por incapacidade dos pais. As crianças na sociedade Kôngo não são “coisas” para se livrar ou “bens” para serem negociados. Para melhor e para pior, a família extensa deve “morrer de fome” para salvar a vida de cada criança da comunidade. “Adoro ter filhos”, diz Müntu, “porque a comunidade não só os quer, mas os ama.” Isto é, todos os membros da comunidade comumente se sentem responsáveis por crianças[...] (Fu-Kiau e Wamba, 2017, p. 21).

É nesse sentido que os bantos entendem o famoso provérbio, “É preciso de toda a comunidade para educar uma criança.”. Essa aldeia precisa estar atenta às necessidades das crianças, entendendo que o cuidado é um direito e não uma ação assistencialista.

Reafirmo que o *kindezi* não tem o objetivo de ser um movimento utópico e mágico entre as pessoas, mas tem como proposta ser uma possibilidade de integrar as pessoas que compõem o espaço escolar, a família e a sociedade, em prol de u cuidado voltado as crianças.

3 O CUIDADO COMO UM POTENCIALIZADOR DO SOL COMUNITÁRIO

Sorria mais criança pra não sofrer
 Eu vi você criança no alvorecer
 O sol se abrindo ao encanto de uma flor
 Realizado um sonho de um sonhador
 Eu me embalei
 Eu me embalei, eu me embalei
 Nos braços tua criança, eu me embalei...

(Delcio Carvalho e Dona Ivone Lara, 1979)

Na música, os compositores descrevem o ato de observar esse nascimento infantil, que ao fazermos um paralelo ao conceito de *kindezi*, podemos compreender que, o desenvolvimento da pessoa, segundo os bakongos, está relacionado ao trajeto solar. Onde assim como a aurora a criança nasce como o sol, cresce chegando ao meio do céu no seu pleno amadurecimento e por fim ao pôr-do-sol, onde passa por sua maior transformação, a morte. É nesse trajeto que o processo de vida e aprendizado se faz precioso e está sempre interligado a infância.

É nesse movimento que o/a mais velho (a), que agora é um Ndezi (cuidador/a), vai realiza seu maior objetivo com a comunidade, ser embalado para a sua grande transformação e assim se eternizar em cada ser que ele cuidou.

É através desse movimento cíclico que analisaremos a figura do *Ndezi* (cuidador/a), ao nos aprofundarmos de forma mais direcionada a esse Ndezi (cuidador/a) buscando dessa forma, reflexões interessantes a respeito.

A antropóloga Marimba Ani (2017) que introduz o livro, questiona o Dr. Fu-Kiau sobre o termo que o autor traduziu a palavra *kindezi*⁷, segundo o filósofo esse termo nos choca, pela insignificância que damos ao cuidado.

Retornando ao diálogo sobre Educação infantil e cuidado, trago a seguinte reflexão. Ora, se o cuidar é um dos eixos basilares da educação infantil, por que nos chocamos ou não admitimos que professores sejam vistos como cuidadores? Será demérito quando falamos que professores de bebês, crianças bem pequenas e pequenas cuidam? Se nossa sociedade compreendesse na prática importância e o valor do cuidado, entenderíamos que todos os professores devem cuidar e acender o sol de suas crianças, assim como a cultura bakongo já nos demonstrou.

No entanto, o que se demonstra contraditório sobre o cuidado, na Educação Infantil é a relutância de muitos educadores em se observarem enquanto cuidadores. Entretanto esse cuidado está materializado em alguns documentos, que orientam a Educação Infantil, como podemos observar.

Contemplar o cuidado na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. (Brasil, 1998 p. 24).

⁷ O autor intitula o termo kindezi, como a arte de babá.

Ou seja, o Parâmetro Curricular para Educação Infantil reafirma o que o kindezi já vem nos anunciando, que o cuidado não é uma ação individualizada, precisando de toda a comunidade. Entretanto os povos bakongos entendem que esse cuidado não vem da escrita para uma possível prática, e sim da vivência e experiência de um povo, que foi materializada no livro de Fu Kiau e Wamba, em discussão.

Agora nos debruçaremos sobre os tipos de *Ndezi*, com o objetivo de entender as especificidades de cada cuidador. Para o povo bakongo os *Ndezi* (cuidador/a) estão organizados em três categorias, os jovens *Ndezi* (cuidador/a), os velhos *Ndezi* (cuidador/a) e os *Ndezi* (cuidador/a) ocasionais, buscaremos refletir sobre como podemos pensar esses atores com o olhar sobre o espaço escolar.

Segundo Fu-Kiau e Wamba os jovens *Ndezi* (cuidador/a) são as pessoas que ainda não podem exercer uma mão de obra em prol da comunidade e cuidam de seus irmãos mais novos. Não buscamos endossar que esse cuidado seja realizado por outra criança, como sabemos da existência em nossa sociedade. Mas procuramos ressignificar o jovem *Ndezi* (cuidador/a) buscando pensar o desenvolvimento integral dos pequenos, através do cuidado de outras crianças de diferentes idades, nos fazendo refletir como o cuidado entre elas pode ser benéfico, sob os olhares de adultos, enaltecendo os saberes que essas crianças possuem sobre si e sobre o outro.

Por aqui, estamos acostumadas a pensar as infâncias entrelaçadas e entremeadas a algumas ideias. As mais comuns são o tempo e a experiência. Esse tempo, por vezes é entendido como cronológico, apontando para alguma etapa da vida. Outras vezes, é entendido como ligado a uma experiência infantil, que aponta para um jeito de estar na vida, transitando entre o passado e o futuro, sendo, assim, um movimento existencial na vida, que nos descentra de um tempo “ótimo” da adultez, colocando-nos à espera, em aberturas; não sendo, portanto, fundamentalmente apenas cronológico. Essa experiência é entendida como um movimento na existência, pleno de potência, de criação, de abertura, que não necessariamente se prende ao período em que vivemos como crianças. (Nascimento, 2020, p. 53).

É sobre os olhares a partir da perspectiva infantil que podemos aprender o que elas gostam e o que as crianças pensam sobre o cuidado. A partir dessa interação que os professores podem reavaliar seu trabalho, enquanto cuidadores de bebês, crianças bem pequenas e pequenas. Para além dessa interação que crianças podem ter umas com as outras, reproduzindo os cuidados cotidianos, é que os adultos podem reafirmar dois princípios basilares já descritos aqui: a interação e brincadeira.

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima. [...] Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada (Brasil, 1998, p. 31-27).

Essa relação de fomentar a relação de cuidado entre as crianças de diferentes faixas etárias reafirma os direitos de aprendizagens, conviver, brincar, participar, expressar-se e conhecer-se que estão descritos na DCNEI-Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (2010) e precisam estar garantidos cotidianamente no pensamento sobre as infâncias.

Através desses direitos que as crianças vão conviver umas com as outras, compreendendo que o respeito, zelo, atenção são primordiais para uma coexistência respeitosa, demonstrando através da ludicidade formas de bem-estar comunitário.

O jovem *Ndezi* pode ser reestruturado de diversas formas, podendo relacionar as crianças de diferentes faixas etárias do próprio ambiente, ou favorecer uma aproximação dos

irmãos, primos ou vizinhos mais velhos que cuidam ou levam seus mais novos para o espaço escolar, buscando nesse ambiente aproximar os jovens que colaboram com esses cuidados dos movimentos pedagógicos que acontecem nas escolas infantis.

De acordo com os bakongos, as pessoas mais velhas, que tomam conta das crianças, são chamados de velhos *Ndezi* (cuidador/a) “Um ndezi velho, para as crianças, é uma estrela da vida” (Fu-Kiau e Wamba, 2017, p. 10). Como eles estão idosos para a força de trabalho comunitária é através do mental e espiritual que os mais velhos garantem a união da comunidade, essa filosofia entende que:

Nuna i soba mbebe mu kânda (envelhecer é mudar o papel/responsabilidade de alguém na comunidade). O envelhecimento não é razão para isolar ou expulsar alguém do caminho natural comum de *Kala ye Zima* (existir enquanto caminha para extinguir-se lentamente) e *dingo-dingo dia môyo ye nsobolo* (o processo de vida e transformação). (Fu-Kiau e Wamba, 2017, p. 9).

Pensar sobre as pessoas mais velhas que compõem a comunidade escolar é manter viva a história do território, das famílias, compreendendo que essas pessoas devem fazer parte da proposta pedagógica das unidades escolares. Compreender como os saberes dessas pessoas mais velhas que podem ser avós, tios, vizinhos do espaço escolar, lideranças da comunidade, pessoas mais velhas que trabalham na própria escola e outras referências para as crianças e suas famílias, podem contribuir com seus saberes nos cotidianos das crianças.

Os velhos *Ndezi* (cuidador/a) podem contribuir sobre os cuidados com as crianças, os saberes sobre plantas, sobre os animais, as histórias sobre o território, sobre as famílias, podendo dessa forma contribuir para uma gestão pedagógica mais democrática e aproximando as famílias e as referências comunitárias do espaço escolar.

Essa participação nos faz refletir o quanto essa cooperação de pessoas mais velhas no espaço escolar, pode ser um potencializador intergeracional, onde adultos e crianças vão compartilhar seus saberes, suas histórias e experiências, assim como descreve o provérbio banto: “*Mu kânda, babo longa ye longwa*”. “Educação é uma questão de reciprocidade” (Fu-Kiau, 2024, p. 129).

Bem como nos evidencia o *kindezi*, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) também reafirma a importância da interação entre adultos e crianças, demonstrando que esse convívio favorece o aprendizado infantil. O que demonstra que estar aberto a essa mutualidade é estar disponível a transformação do ser, buscando sempre o amadurecimento e o crescimento de escutar e aprender independentemente da idade.

A última categoria de *Ndezi* (cuidador/a) que Fu-Kiau e Wamba (2017) trazem, são os ocasionais que diferente dos apresentados anteriormente, esses cuidadores fazem parte da faixa etária de produção, que eventualmente cuidam das crianças.

Para pensarmos esse *Ndezi* (cuidador/a) através das nossas lentes educacionais, talvez seja necessário transformar a ideia de ocasional para permanente, abordaremos esse cuidador (a) como o (a) professor (a) referência da criança que ao contrário do ocasional, trazido pelos filósofos Fu-Kiau e Wamba (2017), possui seus olhares atentos para as crianças.

Refletindo sobre espaços infantis é esse Ndezi (cuidador/a) permanente que vai se debruçar sobre o desenvolvimento infantil, compreende a importância das diferentes interações no cotidiano das crianças, sem perder de vista as diversas experiências que as crianças precisam ter. Esse *Ndezi* (cuidador/a) permanente precisa compreender que o cuidado é o caminho para o bem-estar físico, mental e afetivo das crianças entendendo que o expandir é um direito de toda criança.

Dessa forma, estar em um espaço onde o ambiente foi pensado para as crianças e o adulto compreende que bebês, crianças bem pequenas e pequenas precisam de espaço. É nesse sentido que os cuidadores ou familiares consanguíneos, ou não, possam também cuidar delas. Exemplo são espaços onde as mães possam amamentar e/ou suas famílias podem cuidar delas, independente da criança estar sendo ou não atendida no espaço escolar, é uma forma de

potencializar a força dessa criança, desse responsável e desse cuidador (a), que poderá trocar experiências sobre a criança que perpassam sobre a família e a escola.

As diferentes categorias de *Kindezi* nos ajudam a pensar como esse cuidado compartilhado pode ascender o sol de todos, favorecendo as transformações positivas para crianças e cuidadores.

Como mencionado anteriormente, o *kindezi* nos inquieta sobre gênero, já que historicamente nas culturas ocidentais, o cuidado é direcionado as mulheres, essa determinação patriarcal, coloca sempre mulheres em um lugar direcionado ao cuidado, retirando a responsabilidade de homens sobre esse fazer. Essa cultura resulta em muitos espaços infantis um grande problema, quando homens estão nos espaços infantis, visto que homens não são aceitos, pelas famílias ou outras professoras a exercerem o cuidado, sendo recebidos com grandes resistências em dar e receber cuidado das crianças.

A arte de cuidar de crianças segundo a filosofia bakongo nos mostra que esse fazer não é direcionado para um sexo específico, reafirmando a responsabilidade de todos, ou seja, masculina e feminina de cuidar de crianças. Promovendo dessa, forma um diálogo sobre quais são os corpos validados para realizar o cuidado com nossas crianças.

O *Ndezi* (cuidador/a) tem o objetivo de acender o sol da criança que ela/ele cuida, não esquecendo que seu cuidador (a) também será afetado com essa potencialidade de aprender e dividir experiências com as crianças. Retomando alguns documentos que orientam a Educação Infantil o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil demonstra a importância dessa troca mútua entre a pessoa que é cuidada e o cuidador.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. (Brasil, 1998, p. 24).

Esse compartilhamento de saberes e cuidados nos remete brevemente a relacionar a figura do (a) *Ndezi* (cuidador/a) permanente a reflexão da pedagogia engajada de bell hooks (2017), que nos evidencia a importância de se participar do crescimento intelectual, espiritual de nossas crianças e realizar um processo de auto avaliação que promova o bem-estar desse cuidador.

A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. (hooks, 2017, p.35).

Por fim, pensando a educação a partir do conceito de *Ndezi* (cuidador/a) foi possível observar como as diferentes categorias de cuidadores podem favorecer os espaços infantis, não apenas na cooperação sobre o zelo infantil, mas também na contribuição dos saberes e no enaltecimento das diversas referências. Partindo das crianças e perpassando pelos espaços infantis. Trazendo a possibilidade das crianças e seus cuidadores de crescerem e aprender com sua comunidade de diferentes formas, enegrecendo⁸ assim a ideia que se tem sobre o cuidado, cuidadores e comunidade.

4 COMEÇOS, MEIOS E RECOMEÇOS

Como um movimento cíclico, retornamos ao início lembrando que *kindezi* não é um modelo fixo, pelo contrário, é a partir das diferentes realidades que ele se move e se transforma, tendo como objetivo potencializar a infância através do cuidado. Por este motivo, não

⁸ Conceito que o filósofo Renato Nogueira traz para pensar a afroperspectiva.

finalizamos este diálogo, deixamos em aberto essa roda, que iniciou a partir do conceito filosófico do povo banto, foi ressignificada em diáspora e pode ser repensada de diferentes formas, em diferentes espaços.

Ao longo do texto utilizamos a palavra cuidador (a) para traduzir *Ndezi* (cuidador/a), partindo da reflexão dos pensadores Fu-Kiau e Wamba (2017) que tencionam sobre a concepção da palavra no ocidente, sendo esse termo tratado como algo insignificante. Pensando nesse termo o artigo não tem o objetivo de diminuir o trabalho docente que passa por diferentes tensionamentos cotidianamente, mas busca repensar esse fazer inerente dos profissionais que lidam com as infâncias. Ora, se o cuidar é a base da Educação Infantil como negar esse fazer tão inerente à infância, utilizar o termo cuidador (a) tem exatamente o objetivo de denegrir o pensamento, ou seja, criar novos significados para palavras que historicamente são marginalizadas e diminuídas assim como os profissionais que o fazem.

É a partir da cosmopercepção que o *kindezi*, em conjunto com os valores afro-brasileiros, refletem a forma que os bakongos percebem o cuidado infantil e a forma de cuidar do outro, mostrando as possibilidades de fazer uma educação que não pensa somente no cognitivo, mas no corpo todo, entendendo a integralidade como um direito inegociável.

A arte de pensar o cuidado tem por objetivo *sankofar*⁹ o pensamento educacional, traçando novos caminhos pedagógicos que buscam pensar a educação através das influências africanas e europeias, partindo das realidades brasileiras e considerando as diversidades que as escolas e comunidades possuem em seus cotidianos.

Por fim, pensar e praticar o *kindezi* é um ato revolucionário, não só pelo fato de estar emergindo outras concepções filosóficas que não sejam ocidentais, mas pelo fato de colocarmos o cuidado na centralidade do diálogo e como um direito central e inegociável de toda a criança e comunidade.

⁹ Sankofar faz uma referência ao símbolo adinkra dos povos Akans, sankofa que tem como provérbio: Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para atrás.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Lucílio de. Mãe Preta. 1912. Óleo sobre tela, c.s.e. 180,00 cm x 130,00 cm. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/83796-mae-preta>. Acesso em: 17 jan. 2025.

ALTÚNA, Raúl. Cultura tradicional bantu. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985. Disponível em: https://www.acbantu.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/culttura_tradicional_banta.pdf. Acesso em: [insira a data].

ARIÈS, Philippe. História social da infância e da família. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

ARTE. In: DICIO – Dicionário Online de Português. Rio de Janeiro: 7 Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/arte/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

BABÁS. Direção: Consuelo Lins; Flávia Castro. Brasil: Libreflix, 2010. Documentário. Disponível em: <https://libreflix.org/assistir/babas-consuelo-lins>. Acesso em: 03 abr. 2025.

BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). Saberes e fazeres. Vol. 3: Modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. 152 p. (A Cor da Cultura). Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/Caderno3_ModosDeInteragir.pdf. Acesso em: 13 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Marco Legal da Primeira Infância. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/113257.htm. Acesso em: 31 mar. 2025.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 19 mar. 2025.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. Acesso em: 19 mar. 2025.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010. E-book.

CUNHA JUNIOR, H. Ntu. Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 9, p. 81-91, 2010.

FU-KIAU, Kimbwandènde Kia Bunkesi; WAMBA, A. M. Lukondo. Kindezi: a arte Kongo de cuidar de crianças. Tradução: Mo Maiê. Rede Africanidades, 2017. Disponível em: <https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica/kindezi>. Acesso em: 07 ago. 2024.

FU-KIAU, Kimbwandènde Kia Bunkesi. O livro africano sem título: cosmologia dos Bantu-Kongo. Tradução: Tiganá Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MIGUEL, E. A. Educação infantil: processo histórico na Europa e no Brasil. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/educacao-infantil-processo-historico-na-europa-e-no-brasil>. Acesso em: 16 mar. 2025.

NASCIMENTO, W. F. (Tata Namba). Sobonfu Somé e os ensinamentos ancestrais africanos. [S.l.]: YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBN03IiCUHk&t=19s>. Acesso em: 17 mar. 2025.

_____. Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia Ubuntu. Prometheus – Journal of Philosophy, v. 9, n. 21, 2016. DOI: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v9i21.5698>.

_____. Entre apostas e heranças: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2020. (Coleção Ensaios; 6). ISBN 978-65-991017-5-5.

NOGUEIRA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. Momento: Diálogos em Educação, v. 28, p. 127-142, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806/5769>. Acesso em: 1 abr. 2025.

_____. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. Griot: Revista de Filosofia, v. 4, n. 2, p. 1–19, 2011. DOI: 10.31977/grirfi.v4i2.500. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/500>. Acesso em: 1 abr. 2025.

_____. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros(as) – ABPN, v. 3, p. 147, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. In: HADDOK-LOBO, Rafael (Org.). Coleção X. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.

OYEWUMI, Oyeronké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. In: The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002. p. 391-415. Disponível em: https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9%20oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf. Acesso em: [insira a data].

PRIORE, Mary del. História das crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. E-book.

SOMÉ, Sobonfu. O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Rio de Janeiro: Odysseus, 2003.

_____. Acolhendo ao espírito: ensinamentos ancestrais africanos na celebração dos recém-nascidos e da comunidade. Diáspora Africana: Filhos da África. 1. ed. 2023.

SORRISO de criança. Intérprete: Arlindo Cruz. Compositores: Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho. In: Pagode do Arlindo. Rio de Janeiro: WM Brasil, 2003.

TRINDADE, A. L. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação. Boletim MEC – Valores afro-brasileiros na Educação, v. 22, p. 30-36, 2005.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos ao mensageiro, senhor dos caminhos a quem eu sempre dedico todos os meus projetos e caminhar EXU, e a quem entrego esse trabalho. A minha mãe, OXUM, que com sua doçura e autocuidado me ensina cotidianamente, e ao meu pai, OXAGUIÃ a quem me ensina a paciência, perseverança e busco a criatividade.

Dedico esse trabalho aos meus avós maternos, José Noronha avô a quem brevemente tive os cuidados nesse mundo físico e que permaneceram no mundo espiritual, minha avó Maria José Damaso de Melo, a quem sempre cuidou de mim com muito carinho e atenção, recordo me nesse momento das rezas antes de dormir, dos momentos nostálgicos das fotos que contavam histórias, das canções de ninar, que eram, na verdade, marchinhas de carnaval transformadas em acalantos e do cuidado em me levar para a escola, por um certo período.

Aos meus avós paternos, Álvaro da Rocha, a quem lembro ainda do cheiro e da passagem de mão no cabelo. Esse avô que me dava carinho em forma de balas, e por ser homem, tinha um carinho tímido, mas repleto de afeto, divertimento e broncas também. A minha avó, Ivete Maria, que sempre empenhada buscava agradecer a todos, recordo-me das roupas de crochê, dos doces que fazia e das histórias sobre escola, que contadas de formas exageradas sempre tinham um toque de cuidado, pois buscava mostrar através das histórias que algo não estava legal. E dessa forma buscava a calma, a reflexão sobre o dia a dia, o aprendizado sobre a vida.

Agradeço e dedico esse trabalho aos meus pais, Gloria Patrícia de Melo e Vanderlei da Rocha, que sempre lutaram muito para que seus filhos não passassem por tudo o que eles passaram. Ao meu pai, que sempre carinhoso desde pequena me tratou como uma princesa ou sua pequena borboleta, e que, em conjunto com minha mãe, sempre endossou o poder do estudo. A minha mãe, que chorou na mesa da sala por sua “patroa” não adiantar o dinheiro para a compra de meus cadernos, ainda quando criança, justificando quem limparia a casa de seus filhos.

Dedico ao meu companheiro de vida, Joffre Ferreira, a quem desde sempre me motivou e acreditou nos meus caminhos acadêmicos, pessoa que lê e compartilha de todos os meus textos e que diariamente cuida de nossa família com muito carinho e dedicação. Marido, essa finalização de ciclo tem toda a sua participação, paciência e troca de diálogos. Obrigada por compreender todas as minhas ausências e me motivar nos momentos em que pensei em desistir.

Dedico especialmente à minha pequena, Laura, menina que mudou completamente a minha vida e a quem abriu meus olhos sobre as questões raciais. Laura, você é sem sombra de dúvidas meu maior presente, pessoa que cuidei e cuido, mas que agora, em diversos momentos, é ela quem cuida de mim. Minha pequena, os meus caminhos foram abertos com a sua chegada.

Agradeço aos meus irmãos, pessoas importantíssimas na minha concepção de pessoa e que, mesmo por vezes não estando tão perto, pela correria do dia, sabemos que podemos contar um com o outro.

Agradeço aos meus colegas de jornada com quem sempre compartilho ideais, sonhos e descobertas. Sem sombra de dúvidas, o mundo é muito mais colorido e leve, com esses afetos e laços criados.

Dedico e agradeço aos professores do EREREBÁ, formação importantíssima na minha caminhada, não só pelo conteúdo aprendido, mas pelos laços feitos e pela oportunidade única em fazer parte desse quilombo. Voltaria mil vezes para fazer essa formação. Na escrita desse texto, lembrarei com carinho de cada aula, cada sábado com colegas e professores, cada momento único em minha caminhada dentro do EREREBÁ.

Dedico esse trabalho a minha ORÍentadora Aline do Carmo a quem me encantei na primeira aula, por sua sabedoria e generosidade. Que sorte a minha aprender com você nesse caminhar, obrigada por ascender meu Sol Aline. Sem sombra de dúvidas sua orientação me trouxe o encantamento pelo tema que havia escolhido, obrigada por toda a sua paciência, atenção, carinho, motivação e cuidado.

Por fim dedico esse trabalho a todos os colegas professores de educação infantil e as crianças que habitam principalmente os espaços públicos. Espero que a partir dessa leitura o cuidado seja visto e sentido de uma outra forma, principalmente nos espaços periféricos e nos corpos de crianças negras e pardas.